

METÁFORAS CONCEPTUAIS NA GESTÃO LOCAL DA PANDEMIA: UMA ANÁLISE DOS PRONUNCIAMENTOS OFICIAIS DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO

Jacimara Ribeiro Merizio Cardozo (UENF)

jacimara.cardozo@ifes.edu.br

Sérgio Arruda de Moura (UENF)

arruda@uenf.br

RESUMO

Esta pesquisa investiga as metáforas conceituais bélicas empregadas nos discursos de pronunciamentos do governador do estado do Espírito Santo Renato Casagrande (PSB). Trata-se de um recorte de pesquisa piloto composto por um *corpus* de 32 pronunciamentos produzidos no período de março a outubro de 2020. A fundamentação teórica para o estudo da semântica cognitiva e da análise crítica da metáfora constitui-se pelos postulados de Lakoff e Johnson (1980–2002), Charteris-Black (2004; 2005), Solange Vereza (2012; 2013; 2016; 2020; 2021) e Carvalho (2006). Pelas contribuições da análise do discurso, serão considerados os postulados de Patrick Charaudeau (2006; 2016; 2008). Como principais resultados de investigação, destacou-se a recorrência dos verbos *enfrentar* e *ameaçar* para a metáfora CORONAVÍRUS É INIMIGO. Outrossim, o verbo *avançar* e a expressão “dar passos” foram produtivos para a metáfora PANDEMIA É AMBIENTE DE GUERRA. Chegou-se à conclusão de que tais enquadramentos bélicos viabilizam a concepção do cenário de salvação que é construído na sequência dos discursos. Assim, metáforas e cenários são estruturados e evidenciados pela linguagem como recursos persuasivos a fim de se legitimar decisões tomadas e ações executadas na gestão local da Pandemia.

Palavras-chave:

Pandemia. Discurso político. Metáforas conceituais bélicas.

ABSTRACT

This research investigates the warlike conceptual metaphors employed in the speeches of pronouncements of the governor of the state of Espírito Santo, Renato Casagrande (PSB). This is a guided research clip, consisting of 32 statements from March to October 2020. The theoretical framework for the study of cognitive semantics and critical metaphor analysis frames the postulates of Lakoff and Johnson (1980–2002), Charteris-Black (2004; 2005), Solange Vereza (2012; 2013; 2016; 2020; 2021), and Carvalho (2006). For the contributions of Discourse Analysis, we hold the postulates of Patrick Charaudeau (2006; 2016; 2008). As main research results, it stands out the recurrence of the verbs “to confront” and “to threaten” for the metaphor “CORONAVIRUS IS ENEMY”. On the other hand, the verb “advance” and the phrase “to take steps” were productive for the metaphor “PANDEMIC IS WAR ENVIRONMENT”. We conclude that such war frameworks enable the conception of the salvation scenario that is constructed in the sequence of speeches. Thus, metaphors and scenarios are structured and evidenced by language as persuasive resources in

order to legitimize decisions taken and actions performed in the local management of the pandemics.

Keywords:

Pandemics. Political Discourse. Warlike conceptual metaphors.

1. Introdução

Esta pesquisa investiga as metáforas conceptuais bélicas, a partir dos enquadramentos possíveis da doença causada pelo novo coronavírus, nos discursos circulantes oficiais materializados nos pronunciamentos do governador do estado do Espírito Santo Renato Casagrande e em algumas coletivas de imprensa durante a atual pandemia. A partir da metáfora conceptual matriz CORONAVÍRUS É INIMIGO, pretende-se investigar as metáforas conceptuais estruturais e observar como se estabelecem os elementos do domínio-fonte GUERRA para o domínio-alvo PANDEMIA. Parte-se da hipótese de que tais discursos possuem uma orientação argumentativa que aponta para a corresponsabilidade da população local diante do agravamento do número de mortes e, conseqüentemente, visa a orientar os capixabas a como pensar e agir no cotidiano pandêmico.

Este recorte de pesquisa tem como objetivo geral investigar como as metáforas bélicas são empregadas, na teia dos discursos de pronunciamento do governador Renato Casagrande (PSB), para orientar a população capixaba a pensar e a agir na pandemia segundo os objetivos do plano de gestão local. Já os objetivos específicos são fazer um levantamento sobre as possíveis concepções acerca da pandemia (Covid-19 e coronavírus) evidenciadas nos pronunciamentos; investigar e identificar as palavras-chave que evidenciam as metáforas conceptuais: CORONAVÍRUS É INIMIGO e PANDEMIA É AMBIENTE DE GUERRA; estruturar e explicar o “Pacto pela vida” apresentando os elementos do frame SALVAÇÃO e observar como a “tomada de decisão” da gestão local se legitima a partir da concepção da pandemia enquanto ambiente de guerra e do coronavírus enquanto inimigo.

Trata-se de uma pesquisa piloto da fase inicial de análise de corpus da tese, cuja finalidade é criar um percurso teórico-metodológico de análise específica para o corpus escolhido. A fundamentação teórica será composta basicamente pelos postulados de Lakoff e Johnson (1980-2002) e Charteris-Black (2004; 2005), referentes às metáforas conceptuais, à análise crítica da metáfora e à metáfora no discurso político. No contexto do Brasil, o recorte teórico se dará pelos estudos de Solange

Vereza (2012; 2013; 2016; 2020; 2021) e Sérgio Carvalho (2006). Pelas contribuições da análise do discurso, serão considerados os postulados de Patrick Charaudeau (2006; 2016; 2008), a partir dos seguintes temas: discurso político, contrato midiático, discursos circulantes.

Por se tratar de um recorte da tese de doutorado, que atualmente está em desenvolvimento inicial, serão analisados os pronunciamentos oficiais dos primeiros oito meses de pandemia (de março a outubro de 2020, com o total de 32 pronunciamentos), contando com alguns pronunciamentos em coletiva de imprensa a fim de responder à seguinte questão norteadora: como as metáforas conceptuais bélicas contribuem para a construção argumentativa dos discursos de pronunciamentos produzidos para a gestão da pandemia no estado do Espírito Santo? A escolha desse recorte temporal se dá por ser um período aproximado de um primeiro ciclo ou onda do vírus. Com início em março, chegando aos meses de maior vulnerabilidade entre junho e agosto até chegar a setembro e outubro com o início de uma situação mais favorável devido ao mapa de risco dos municípios mostrar um número maior de regiões com risco baixo de infecção pela doença. A escolha do corpus e dos pronunciamentos oficiais justifica-se pela sua atualização discursiva emergencial para o enfrentamento do vírus.

O corpus analisado foi investigado a partir de 4 etapas, a saber: 1^a – investigação das possíveis concepções da pandemia para além do domínio-fonte GUERRA; 2^a – investigação da concepção bélica da pandemia, pelo domínio GUERRA, a partir da metáfora conceptual CORONAVÍRUS É INIMIGO como desdobramento de PANDEMIA É UM AMBIENTE DE GUERRA; 3^a – investigação do esquema imagético construído na teia dos pronunciamentos pelo cenário da salvação a partir da identificação de trechos que apresentam quem deve ser salvo, ser salvo de quem (quem), quem é (o que é) o salvador; 4^a – sobre as expressões que são empregadas quanto às decisões tomadas pelo governador.

Quanto à metodologia, os textos foram trabalhados manualmente, a partir da identificação de palavras-chave metafóricas relacionadas à guerra, a saber: os verbos *lutar*, *enfrentar*, *combater*, *vencer*, *atingir*, *perder*, *ameaçar*, *defender*, diretamente relacionados à metáfora conceptual dominante CORONAVÍRUS É INIMIGO, e também a partir dos substantivos: *guerra*, *batalha* e *inimigo*. Outrossim, foram observadas as palavras que estruturam a metáfora PANDEMIA É UM AMBIENTE DE GUERRA, a partir dessa metáfora investigou-se a estrutura espacial de

um campo de batalha a partir das palavras-chave *cercar, dar passos, avançar, retroceder, alcançar*.

2. *Revisão de literatura*

2.1. *Metáfora conceptual: o que é como funciona*

É muito comum na linguagem do cotidiano usarmos expressões que são metafóricas, mas não são percebidas como tal, pois estão infiltradas e camufladas como construções aparentemente literais. É comum falarmos “o tempo passou rápido”, ou ainda “estou desperdiçando meu tempo”. Observe que, literalmente, o tempo não passa rápido, pois é a mesma marcação cronológica todos os dias. O tempo não passa, pois não se trata de um objeto em movimento. Também não cabe o modo como passa (rápido), pois, se é o mesmo tempo para todos, não há circunstância de rapidez. Quando afirmamos “o tempo passa rápido” estamos pensando no tempo em termos de movimento.

De igual forma, quando falamos “estou desperdiçando tempo”, o que revela a importância de poupar o tempo, estamos concebendo o tempo em termos de dinheiro, pois nossas experiências com dinheiro nos remetem a poupar e a desperdiçar. Isso acontece porque, conforme Lakoff e Johnson (2002, p. 51) o “tempo em nossa cultura é um bem valioso”. Em uma sociedade capitalista, normalmente, o trabalho é pago de acordo com o tempo de serviço, por hora, por mês. Além disso, as duas variáveis (tempo e dinheiro) são quantificáveis com precisão, como defendem os autores. Assim, ao falarmos, por exemplo, “preciso poupar meu tempo”, estamos evidenciando conceitos metafóricos, tais como: “TEMPO É DINHEIRO, TEMPO É UM RECURSO LIMITADO e TEMPO É UM BEM VALIOSO” (p. 51) Importa ressaltar, entretanto, que a forma de conceber o tempo como um bem valioso, em termos de dinheiro e recurso limitado, não é universal, não se aplica a todos, mas sim a determinadas culturas.

A publicação da obra *Metaphors we live by*, em 1980, foi o marco para a mudança da visão apenas ornamental da metáfora enquanto figura de linguagem, exclusiva de discursos retóricos ou literários e circunscrita apenas nas construções linguísticas extraordinárias, para uma visão cognitiva e suas aplicações no cotidiano, nas construções ordinárias e comuns.

Assim, a metáfora deixa de ser concebida enquanto uma figura de linguagem e passa a ser investigada enquanto uma construção sistemática de pensamento, a partir dos modos como o ser humano estrutura a forma de pensar em algo em termos de outros domínios mais concretos construídos a partir de suas experiências mais remotas e fundamentais.

Há uma defesa dos autores de que o nosso sistema conceptual é predominantemente metafórico. Lakoff e Johnson (2002 [1980], p. 46) afirmam que “se estivermos certos, ao sugerir que esse sistema conceptual é em grande parte metafórico, então o modo como pensamos, o que experienciamos e o que fazemos todos os dias são uma questão de metáfora”. Para isso, os autores propõem a sistematicidade dos conceitos metafóricos e isso possibilita um estudo com rigor metodológico e científico para se investigar as evidências das metáforas conceptuais marcadas linguisticamente pelas expressões metafóricas, estas que estão “ligadas a conceitos metafóricos de uma maneira sistemática”. Diante disso, na página 50 da mesma obra, conforme os autores, “podemos usar expressões metafóricas linguísticas para estudar a natureza de conceitos metafóricos e, dessa forma, compreender a natureza metafórica de nossas atividades.”. Logo, importa deixar claro que as metáforas não estão inteiramente nas palavras de um texto, mas sim são estruturadas pelos conceitos metafóricos.

Diante da diversidade de estruturas metafóricas, destaca-se para esta pesquisa a metáfora da Linha Vermelha, apresentada por Lakoff (2013). Baseada em um quadro conceitual, designa a inscrição de uma linha imaginária que divide em dois lados opostos e, assim, a pessoa que traça a linha ameaça a pessoa do outro lado. Segundo o linguista, diante desse aspecto metafórico: “realizar um tipo de ação é estar em um local limitado, e mudar um tipo de ação é mudar para um novo local”. Diante disso, importa observar no corpus em análise que palavras-chave estruturaram a ação da população capixaba e a mudança de local no campo de batalha a partir das ações propostas pelo governador, como o isolamento social, por exemplo, e que outras ações são importantes para o capixaba “dar passos” em relação à Linha Vermelha. Assim, “o ‘vermelho’ na Linha Vermelha pode significar perigo alerta máximo ou sangue – o dano que advirá de cruzar a linha será sangrento”.

2.2. Metáforas conceptuais: uma concepção cognitiva da pandemia

Um exemplo desenvolvido por Lakoff e Johnson (2002, p. 54), que mais se adequa ao nosso tema bélico, é a metáfora conceptual DISCUSSÃO É GUERRA. Pela afirmação, pode-se depreender um pensamento estruturado e produtivo em vários usos do cotidiano. Sua construção se dá a partir do domínio fonte mais concreto GUERRA para o domínio alvo mais abstrato DISCUSSÃO. Isso não se trata de uma concepção universal, mas construída e alimentada por determinada cultura cujo pensamento projeta e seleciona parcialmente determinados elementos do domínio fonte e não outros, pois “quando focamos nos aspectos bélicos de uma discussão, frequentemente podemos perder de vista os seus aspectos cooperativos”.

A metáfora da discussão, portanto, mostra como compreendemos e experienciamos a discussão em termos de guerra. Assim, de acordo com Lakoff e Johnson (2002, p. 47), “nossa maneira convencional de falar sobre discussões pressupõe uma metáfora da qual raramente temos consciência”. Como prova, é muito comum ouvirmos falas como: “seus argumentos me bombardearam”, “ele perdeu o debate”, “preciso me munir de argumentos”, entre outras construções cotidianas.

A concepção de uma doença em termos de guerra não é uma novidade em tempos de pandemia causada pelo novo coronavírus. O Brasil já viveu cenário semelhante em sua luta contra a dengue e isso foi muito produtivo nas evidências linguísticas. No objetivo de compreender A-CONTECIMENTO/EVENTO “X” É UM ATO DE GUERRA, Carvalho (2016) apresenta resultados de expressões metafóricas estruturantes da concepção da epidemia da dengue no Brasil, em especial no Rio de Janeiro. A partir de exemplos retirados de artigos de jornais, o autor estabeleceu as estruturas das metáforas bélicas a partir dos seguintes elementos organizacionais que envolvem a projeção do domínio fonte guerra para o domínio alvo epidemia, a saber: planejamento para se defender de um ataque; o inimigo ataca; os instrumentos da guerra; a ação que emana de uma autoridade; a identificação do local, campo bélico/conflicto; o inimigo avança e procura outros campos de batalha; manobras de guerra fazem parte da contenda; as ações táticas; a proteção contra o inimigo: defesa ou ataque; o caos instalado, começam os confrontos: a luta entre população e autoridades; o contra-ataque: o Estado é acusado de negligência e se sente obrigado a reagir; os sujeitos envolvidos no conflito e as consequências de uma guerra. Dentre as expressões bélicas encontra-

das foi muito produtivo o emprego de palavras como *combater*, *soldado*, *alvo*, *vencer*, *avançar*, *inimigo*, *munir*, etc.

Ao investigar as metáforas conceptuais pela visão argumentativa e discursiva esta pesquisa parte do princípio de estudo desse tropo em uso face às influências do corpo (sensório-motoras) e também da sociedade, da cultura de modo geral. Vereza (2016) apresenta o posicionamento de investigação da metáfora pelo contexto do discurso e da sociedade. Seus trabalhos se inclinam para “a investigação da dimensão cognitivo-discursiva da metáfora em uso e dos frames nos quais ela se ancora (no caso de frames off-line) e ao mesmo tempo, cria (frames online) na linguagem em uso” (VEREZA, 2016, p. 561). A autora apresenta a interdependência entre cognição e sociedade e explica o frame a partir da sua plasticidade, de seu caráter de mudar, de se refazer (Reframe) e isso não se trata apenas de um ato linguístico, mas também de mudança na forma de pensar e agir diante de um evento e, assim, contribuindo para a mudança social. Assim conceitua *frame*, com base em Lakoff:

Frames são estruturas mentais que moldam a maneira com que vemos o mundo. Como resultado, eles moldam os objetivos que traçamos, os planos que fazemos, a maneira que agimos e o que conta como resultados bons ou ruins de nossas ações. Na política, nossos frames moldam nossas políticas sociais e as instituições que formamos para implementar nossas decisões. Mudar nossos frames é mudar tudo isso. Reframing é mudança social. (LAKOFF, 2004 *apud* VEREZA, 2016, p. 562)

Aqui também pretendemos investigar, nos pronunciamentos do governador Casagrande, que estruturas metafóricas são evidenciadas na produção de sua fala, que projeta enquadramentos mais universais, fora da situação de produção, e que novos frames são criados, atualizados e reconstruídos nas sequências dos pronunciamentos analisados. A pandemia, em todo o mundo, causou mudanças sociais na forma de estar com o outro fisicamente, no modo de cumprimentar, de higienizar, de permanecer em um estabelecimento, etc. Importa agora investigar como tais mudanças são concebidas e como esses novos pensamentos, falares e ações criam e atualizam frames e como isso se evidencia no léxico, na gramática, etc.

Segundo Chilton (1993, p. 27 *apud* CARVALHO, 2006), “as metáforas não são transferidas com significados fixos, mas processadas de acordo com línguas locais, formações de discurso local e interesses políticos locais”. Diante disso, interessa-nos a investigação das peculiaridades do processar das metáforas em um contexto regional, na estruturação de uma política estadual. A relação entre metáfora conceptual e discurso

político (pronunciamento) se justifica pelo caráter de legitimação de discursos que tais construções conceptuais podem oferecer. Carvalho também contribui para essa afirmação quando faz a seguinte citação de Charteris-Black (2005, p. 13): “a metáfora, ao acessar, discursivamente, nosso sistema de valores sociais e culturais, incorporados a nossos sistemas conceptuais, torna-se um elemento essencial na legitimação do discurso político”.

2.3. O poder persuasivo da metáfora: entre o mito e a ideologia

Jonathan Charteris-Black (2005) postula sobre o poder persuasivo da metáfora. O autor analisa a metáfora no discurso de presidentes e líderes que se destacaram na política internacional, como George Bush, Bill Clinton, Tony Blair, Martin Luther King, etc. Aqui, importa compreender que, conforme Carvalho (2006), o autor apresenta 3 funções da metáfora. A função semântica, quando cria novos significados para as palavras; a função cognitiva, quando desenvolve o entendimento pela estrutura da analogia; e a função foco de estudos, que é a pragmática, quando os componentes ideológicos e retóricos são usados a serviço de uma avaliação sobre um evento, sobre alguém, etc. Carvalho nos mostra que, para Charteris-Black, é na função pragmática da metáfora que o ser humano desenvolve a competência para fazer escolhas apropriadas e observar restrições na interação social de forma a se comunicar de maneira efetiva e com sucesso. Assim, esse sucesso torna-se cada vez mais eficaz quando, no discurso, a ideologia está estruturada cada vez mais de forma invisível, mais subjacente, menos percebida, tornando-se construtos subjacentes. Isso direciona o público, o receptor, a pensar de determinada forma e não de outra.

Partindo do princípio de que a análise crítica da metáfora seja um método de análise pertinente ao desvelamento de construtos subjacentes ao discurso, Charteris-Black (2005) explica a importância entre o mito e a verdade. Para ele, um mito “é outro tipo de história que fornece uma explicação de todas as coisas para as quais as explicações são consideradas necessárias” (CHARTERIS-BLACK, 2005, p. 21-2), e se relaciona com a ideologia, pois ambos têm um propósito persuasivo e envolvem o público, “fornecendo histórias que expressam aspectos do inconsciente”. Já a ideologia é um conjunto de ideias e crenças aderidas por um grupo

de pessoas que fornece uma representação organizada e sistemática do mundo com a qual concorda esse grupo¹.

Esse conjunto de ideias e crenças, quando bem articuladas, contribui para a aproximação dos indivíduos por meio de uma ação conjunta, ação social (social action). É inerente à ideologia a existência de um grupo dominante sobre um grupo dominado, desse modo, tendo um poder de autoridade como fonte, a ideologia vai legitimar certas ações e pensamentos e deslegitimar outras. Para sustentar tais ideias e crenças, será fundamental a circulação, reafirmação de uma história certa a ser contada, isso acontece porque um grupo que está unido por propósitos sociais precisa ter uma história para contar, conforme Charteris-Black. É aí que entra o mito, pois é o mito que fornece a história a ser contada, fornece narrativas formadas por experiências evocadas do inconsciente e, por sua vez, estão relacionadas às emoções como tristeza, felicidade, medo, etc. É o mito que cria as oposições fundamentais entre o bem e o mal (anjos e demônios) e constrói o drama da luta entre tais entidades.

Nesse cenário, o mito político é construído para fornecer à sociedade uma narrativa marcada ideologicamente, mas que aparenta apresentar “a verdade”, um relato verdadeiro e, portanto, aceito como válido em um grupo social. Diante do tripé ideologia x mito x verdade, nasce a análise crítica da metáfora (ACM), um método para entender como os mitos políticos comunicam ideologias. Importa desenvolver por esse método o discernimento entre o mito e a verdade a partir da identificação e descrição do mito. Desse modo, acredita-se que os mitos, como um conjunto de crenças, valores e opiniões, são revelados através das metáforas, estas que estão manifestadas linguisticamente como veículos nos discursos políticos e podem omitir importantes aspectos da realidade, mas que são, ao mesmo tempo, um recurso primoroso para uma persuasão por meios pacíficos.

Patrick Charaudeau (2006, p. 114), ao postular o contrato das mídias, em sua obra *O discurso das mídias*, apresenta a mídia enquanto um agente de transformação e transação. Segundo o autor, o contrato de comunicação se estabelece a partir desses dois processos. Nesse caso o ‘mundo a descrever’ é o lugar onde se encontra o ‘acontecimento bruto’ e o processo de transformação consiste, para instância midiática, em fazer

¹ Tradução dos autores para “is a coherent set of ideas and beliefs adhered to by a group of people that provides an organised and systematic representation of the world about which they can agree”.

passar o acontecimento de um estado bruto (mas já interpretado), ao estado de um mundo midiático construído, isto é, ‘de notícia’; isso ocorre sob a dependência do processo de transação, que consiste, para a instância midiática, em construir a notícia como ela imagina a instância receptora, a qual por sua vez reinterpreta a notícia por sua maneira.

Para esta pesquisa nos interessa como o acontecimento bruto da pandemia causada pelo coronavírus, que já é interpretado pela linguagem científica médica, foi lapidado pela mídia de um modo específico, com destaque à mídia capixaba, a partir da criação semiótica do signo *coronavírus* e quais são os motivos os quais moldam essa construção midiática evidenciada nos pronunciamentos oficiais. Desse modo, compreender o processo de contrato de comunicação, no caso das mídias, é fundamental para se observar como as metáforas bélicas são instauradas no cotidiano da massa populacional, contribuindo para formar a opinião das pessoas e para influenciar seu modo de pensar e agir diante do vírus. Essa conduta, portanto, vai ao encontro do que afirma Charaudeau (2006, p. 115), pois “é o contrato de comunicação midiático que gera um espaço público de informação e é em seu próprio quadro que se constrói a opinião pública”.

O desenvolvimento do contrato de comunicação para o cotidiano da massa é também objeto de estudo de Charaudeau e reforça aqui a proposta de tese acerca da fortuna semiótica do signo *coronavírus* no cotidiano das pessoas, como estratégia didática de ensino de como a população deve se portar, e, assim, instituir manuais de conduta. Para isso, o autor (2006, p. 118) cria a expressão *discurso circulante*, que é “uma soma empírica de enunciados com visada definicional sobre o que são os seres, as ações, os acontecimentos, suas características, seus comportamentos e os julgamentos a eles ligados”.

Como exemplo de materialização desses discursos circulantes, o autor cita provérbios, ditados, máximas e frases feitas. Concordamos parcialmente com Charaudeau, pois defendemos que a esses discursos circulantes deve-se somar a estruturação das metáforas bélicas em tempos de pandemia. Ou seja, defendemos e propomos que os discursos circulantes não são apenas frases, construções linguísticas, mas carregam concepções metafóricas cognitivas e na maioria das vezes não percebidas como tais pelos falantes. Assim, dentre as funções que podem exercer esse tipo de discurso, aqui interessa a função de regulação do cotidiano social. Segundo o autor (2006, p. 119), essa função “é assegurada por discursos banais que, ao mesmo tempo, determinam o que são e o que devem ser os comportamentos do corpo social”. Diante disso, importa

investigar como os pronunciamentos do governador capixaba empregam e comportam esses discursos banais.

3. Resultados e conclusões

Os resultados parciais da pesquisa piloto serão apresentados a partir das 4 etapas de análise proposta. Na primeira etapa de investigação, foi levantada a seguinte pergunta como norte para a coleta dos trechos: PANDEMIA É UMA?. O objetivo é compreender como a concepção da pandemia enquanto ambiente de guerra foi sendo construída e intercambiada por outras concepções próximas ao campo semântico da guerra em um contexto de gestão política da pandemia. Como resultado, foram identificadas as seguintes palavras-chaves e o número de vezes que apareceram, a saber: *crise*, com 24 ocorrências; *caminho* (*caminhar, percurso*), com 8 ocorrências; *um problema a ser resolvido* com 3 ocorrências; *uma onda*, com 3 ocorrências; *uma fase*, com 2 ocorrências; *uma realidade* com 1 ocorrência; *uma situação*, com 1 ocorrência; *uma ameaça real* com 1 ocorrência e *algo a ser conduzido*, com 1 ocorrência.

Na segunda etapa, o objetivo foi observar como a pandemia é conceptualizada em um ambiente de guerra, como o coronavírus é conceptualizado como inimigo e que atribuições são dadas a esse inimigo, ou seja: como o inimigo é construído pela linguagem na teia dos pronunciamentos? Assim, será marcada com o número 1 a palavra (expressão), evidência linguística das metáforas conceptuais bélicas, e com 2 os trechos de atribuições e predicativos ao coronavírus. A seguir, na tabela 1 foram selecionados alguns trechos exemplares:

Tabela 1: Palavras-chave para metáforas conceptuais bélicas.

Data	Trechos para: CORONAVÍRUS (PANDEMIA) É INIMIGO e PANDEMIA É UM AMBIENTE DE GUERRA
24 de março	“estamos num ambiente de guerra (1) praticamente [...] não sabemos o que vai acontecer. [...]se o vírus se comportar de forma intensa (2) ”
25 de março	A gente tem que lutar (1) [...] em favor da proteção das pessoas. [...] Pessoas mais expostas [...] Temos que proteger (2) as pessoas desse país.
1° de abril	Uma crise pode ser enfrentada (1) de forma planejada. [...] Quando a gente enfrenta (1) de forma planejada [...] como nós estamos fazendo no governo, nós temos condições de reduzir o impacto da crise. Como estamos usando o dinheiro para enfrentar (1) a pandemia.
30 de abril	O vírus está atingindo (1) pessoas de menos idade [...]. Pode até afetar também os jovens.
22 de maio	O inimigo (1) está nos rondando [...].

27 de maio	Precisamos superar esse momento difícil que só será vencido (1) com a união de todos. (propaganda oficial antes do pronunciamento)
19 de junho	[...] mas essa guerra (1) que a gente tá vivendo agora é uma guerra que atinge todos os países. O inimigo (1) é um só. Tira mais vida (2) do que uma guerra mundial .
14 de agosto	Nós estamos mais uma vez aqui para falar um pouco com vocês sobre o enfrentamento (1) ao coronavírus. / Nós conseguimos vencer essa batalha (1) por demandas de leitos. [...] Aqui no Espírito Santo nós vencemos (1) essa batalha (1) por leitos, mas não vencemos a pandemia ainda. [...] Nós estamos perdendo (1) perto de 20 pessoas por dia. [...] Para que a gente possa ir cercando (vírus) (1) a transmissão no estado. [...] Para que agente possa fazer um pacto pela vida, defendendo (1) e mantendo o distanciamento e o uso de máscara. [...] Parâmetros claros e associados aos avanços (1) da Pandemia. Se a Pandemia avançar (1) , reduz atividade. [...] Continuar firmes e disciplinados no combate (1) à Pandemia no Estado do Espírito Santo.
4 de setembro	Nós estamos avançando (1) , evoluindo. E essa evolução exige um cuidado e atenção de todos. [...] Por isso a gente vai avançando (1) na matriz de risco. [...]Esses três indicadores [média de óbitos, testagem e casos ativos] classificam o município em ameaça (1) leve, ameaça (1) moderada, ameaça(1) alta e ameaça extrema. [...]Do mesmo jeito que a gente está conseguindo avançar (1) , se a gente não tiver os cuidados a gente pode retroceder (1) . É muito importante que a gente tome todos os cuidados para que a gente não possa dar passos atrás (1) , para que a gente não possa retroceder . O município pode avançar (1) se ele controlar efetivamente os casos ativos, isolar esses casos, fazer mais testagem.[...] Se a gente continuar avançando (1) , dia 1º de outubro a gente pode retornar (educação). [...] Vamos dando alguns passos seguros (1) e na semana que vem poderemos anunciar algumas atividades para os municípios de risco baixo.
2 de outubro	Estamos dando alguns outros passos em direção a algumas atividades. [...] Para os municípios que estão em risco baixo. Estamos permitindo as atividades de teatro, de feiras... Com relação à educação, [...] [estamos] seguros de que estamos dando, na área da educação pública, dando um passo a partir do dia 13[...]. Mas é um passo seguro que a gente tá dando dentro do protocolo que nós já anunciamos. É importante que a gente consiga fazer (testagem) para que a gente consiga cercar o vírus , isolar o vírus. Quando você cerca o vírus e isola o vírus você controla melhor e reduz óbitos.
23 de outubro	Os números produzem um alerta , estão emitindo um alerta para nós. [...] Só a vacina vai nos libertar (2) do vírus. (prisioneiro de guerra). Nos libertando do vírus a gente reduz drasticamente as mortes. Enquanto não tivermos a vacina, nós não teremos a total liberdade .[...] Os sinais são sinais que emitem um alerta .

Fonte: Elaborado pelos autores.

A seguir, na imagem 1, tem-se o resumo das ocorrências para a metáfora CORONAVÍRUS É INIMIGO.

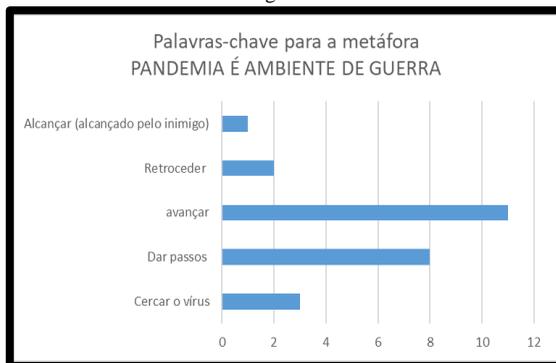
Imagem 1.



Fonte: elaborado pelos autores.

A seguir são apresentados os resultados das palavras-chave para a metáfora *Pandemia é ambiente de guerra*. Nessa etapa, são apresentados os trechos da construção narrativa interdiscursiva (construída ao longo dos pronunciamentos) acerca do cenário de salvação que se instaura a partir da concepção metafórica CORONAVÍRUS É INIMIGO e PANDEMIA É AMBIENTE DE GUERRA.

Imagem 2.



Fonte: elaborado pelos autores.

Tabela 2: Expressões para o cenário da salvação.

Elementos	Expressões para o cenário da salvação
Ações	Salvar vidas, preservar vidas, Proteger vidas
Vítimas	as vidas dos capixabas
	peessoas mais vulneráveis do estado do Espírito Santo.

Instrumentos	UTI/ leitos e respiradores (salvação parcial); Isolamento; “não se contagiado”; distanciamento, o uso de máscara, os atos de higiene e a não aglomeração.
Agentes	Salvar vidas é a tarefa da administração pública e é a tarefa nossa enquanto cidadão
Modo/meio	Cuidando de vida / sentindo a dor do outro, fazendo um pacto com a sociedade / Pacto pela vida; buscando um modo de convivência com a Pandemia.
O valor da vítima	Nós estamos tratando de assunto mais nobre e mais rico que existe. A gente não tem nada mais importante do que nossas vidas.
Posição para salvar	É preciso que a gente esteja ao lado dessas pessoas . Ao lado de quem mais precisa.

Fonte: os autores, 2021.

Como resultado da etapa 4, são apresentadas as expressões em seus contextos linguísticos, a partir da expressão prototípica: tomada de decisão, a fim de legitimar as ações executadas e as decisões tomadas pela gestão local da pandemia.

Tabela 3: Legitimação da decisão de medidas para “salvar vidas”.

Data	Legitimação da decisão/ medidas para “salvar vidas”
16 de maio	Nós tomamos a decisão de fechar as atividades no sábado e no domingo. Para que a gente possa ficar em casa [...] e a gente salvar mais vidas.
1º de maio	Nossa prioridade é salvar vidas das pessoas, então se for preciso tomar medidas mais radicais , nós tomaremos medidas mais radicais . [...] Mas, se for necessário, eu tomarei medidas mais extremas , porque a nossa prioridade é salvar vidas.
3 de julho	[hospital de campanha] Nós fizemos esse investimento que ficará como legado para sociedade capixaba. [...] A polêmica sobre hospital de campanha... as pessoas viram que nós estávamos certos . Por exemplo, nessa semana, duas decisões nós tomamos. Que mostra a importância desse legado . Abrimos um novo hospital na região Sul com 60 leitos. [...] Tomamos decisões importantes nessa área, abrimos leitos [...]. Nós de fato fechamos o comércio no primeiro momento que foi importante para achatar a curva [...] e estruturar todo o sistema, deu tempo para fazer isso.
04 de setembro	Na hora que a gente tiver que tomar uma decisão mais restritiva , a gente que anuncia, o governador que anuncia, eu mesmo que anuncio.
23 de outubro	Ficarmos atentos, alertas para que a gente possa proteger vidas .

Fonte: Elaborado pelos autores, 2021 .

A pandemia (por metonímia, o coronavírus e a covid-19) foi conceptualizada por diferentes evidências linguísticas de pensamento. A

palavra mais recorrente foi crise e, em segundo lugar, foi caminho e suas derivações (percurso/dar passos). A partir dessas concepções levantadas na etapa 1, observa-se a importância dos esquemas mais primários de espaço e movimento dentro de um ambiente como expressões produtivas na etapa 2. Nessa etapa, nos primeiros pronunciamentos há trechos claros de definição da pandemia enquanto “ambiente de guerra” e da apresentação de um inimigo que é um só e que ronda a vítima, o agonista, o povo capixaba (24 de março, 22 de maio e 19 de junho).

Porém, observa-se que tais palavras-chave não são recorrentes nos discursos, ou seja, não são trazidas à luz. Por outro lado, na sequência dos pronunciamentos é mais produtivo o emprego de expressões que remetem ao ambiente de campo de batalha, como “dar passos” e “avançar” com maior número de ocorrências. Isso mostra a orientação argumentativa dos discursos em que é perspectivado apenas o ambiente de campo de batalha a fim de convencer a população (agentes do pacto de salvação) a empreender na guerra e sempre avançar. Inferimos aqui a importância do controle das pessoas em um tempo e espaço definidos pela gestão local, quer seja em estabelecimentos comerciais, lugares públicos, etc. Trata-se do caráter literal e espacial da pandemia. Isso é visto em termos de movimentação no campo de batalha diante do inimigo, que deve ser encarado de frente, por isso a produtividade do emprego do verbo *enfrentar* e suas derivações, sendo a palavra com o maior número de recorrência para a etapa 2.

Metáforas e cenários são elementos fundamentais na estruturação de uma política, conforme já afirmava Lakoff (2013), para quem “diferentes políticas têm diferentes visões morais sobre o certo e o errado. Uma vez que todos os sistemas morais fazem uso de metáforas conceituais, haverá metáforas e cenários que as acompanham.”.

Como resultado inicial de levantamento das palavras-chave das metáforas de guerra, notou-se seu propósito fundamental de sustentar o cenário de salvação, ou seja, uma história de que a sociedade capixaba, como vítima, precisa ser salva do inimigo, que é um só e tira vidas, segundo as falas do próprio governador. Esse cenário de salvação tem como principal agente salvador, que ganha uma personificação: o isolamento social.

4. Resultados e conclusões

A coleta e a análise inicial do corpus apresentaram alguns resultados preliminares que irão nortear os caminhos investigativos futuros do

projeto de tese em andamento. Quanto à produtividade das metáforas bélicas no recorte de análise dos 8 meses iniciais da pandemia, observou-se baixa produtividade de metáforas conceptuais bélicas tanto no uso das palavras-chave quanto no desenvolvimento de metáforas situadas em cada discurso analisado. Porém, por outro lado, observou-se a produtividade de palavras que evidenciam a estrutura do pensamento de ação e deslocamento em um ambiente de guerra, como anunciado pelo próprio governador.

Além disso, outro fator de esquema espacial observado foi a posição da população capixaba em relação ao inimigo (que deve estar de frente) e em relação às vítimas do cenário de salvação (que precisa estar ao lado). Inclusive, uma pontual ramificação da metáfora de guerra foi encontrada quanto à capacidade de o inimigo aprisionar as vítimas do cenário de salvação e, assim formar “prisioneiros de guerra”. Outro caminho potencial investigativo que se descobriu foi a produtividade do cenário de salvação pela expressão “salvar vidas” e como esse cenário serve de argumento para legitimar as decisões tomadas pela gestão local em tempos de pandemia.

Diante disso, defendemos que as metáforas conceptuais bem como o enquadramento narrativo do cenário de salvação tecidos no jogo argumentativo do governador são exemplos de discursos circulantes que orientam uma forma de pensar e agir na pandemia através de definições lapidadas e intencionalmente construídas para gerenciar a guerra/crise causada pelo coronavírus. Esse levantamento requer um aprofundamento em ampliação de coleta de dados e análises à luz da Semântica Cognitiva e da Análise do Discurso.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CARVALHO, Sérgio Nascimento de. *A “guerra” nas palavras: a metáfora conceptual na retórica do presidente G.W. Bush Jr. e de seus colaboradores*. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2006.

CHARAUDEAU, Patrick. *Discurso das mídias*. Trad. de Angela M. S.Corrêa. São Paulo: Contexto, 2006.

CHARTERIS-BLACK, J. *Politicians and Rhetoric*. Londres: Palgrave, 2005.

CHILTON, P. *Analysing Political Discourse: Theory and Practice*. Londres: Routledge, 2004.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. *Metaphors we live by*. Chicago: Harvard University Press, 1980.

_____. *Metáforas da vida cotidiana*. Trad. do Grupo GEIM. Campinas: Mercado de Letras/EDUC, 2002.

LAKOFF, G. Obama renomeia a Síria: metáfora e guerra revisitada. 2013. Huffpost: 09 de junho de 2013. Disponível em: https://www.huffpost.com/entry/obama-reframes-syria-meta_b_3879335. Acesso em: 3 de novembro de 2013.

VEREZA, Solange Coelho. Cognição e sociedade: um olhar sobre a óptica da linguística cognitiva. *Linguagem em (Dis)curso – LemD*, v. 16, n. 3, p. 561-73, Tubarão-SC, set./dez. 2016.

_____. A palavra como arma: metáforas de guerra na conceptualização do antagonismo verbal. *Diadorim*, v. 22, n. 2, p. 367-85, Rio de Janeiro, 2020. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/diadorim/article/view/38218/21414>. Acesso em: 23 de janeiro de 2021.

_____. A metáfora na linha de frente: Mapeamentos de guerra na conceptualização da pandemia de covid-19. *Estudos Linguísticos e Literários*, [S. l.], n. 69, p. 52-89, 2021. DOI: 10.9771/ell.v0i69.44288. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/estudos/article/view/44288>. Acesso em: 22 de junho de 2021.

_____. Entrelaçando frames: a construção do sentido metafórico na linguagem em uso. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, v. 55, n. 1, p. 109-24, Campinas-SP, 2013. DOI: 10.20396/cel.v55i1.8636598. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8636598>. Acesso em: 21 de julho de 2021

_____. (Org.). *Sobre a ótica da metáfora: tempo, conhecimento e guerra*. Niterói: EDUFF, 2012.

Outra fonte:

Anotações e seminários realizados durante o curso de Semântica cognitiva, ministrado pela professora Solange Vereza no Doutorado em Estudos de Linguagem pela UFF, Niterói, no primeiro semestre letivo de 2021.